



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

09 DE OUTUBRO
VIÑA UNDURRAGA
SANTIAGO DO CHILE-CHILE
DISCURSO DURANTE ALMOÇO
OFERECIDO PELA CLASSE EM-
PRESARIAL CHILENA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Muito aprecio a homenagem que me prestam os empresários aqui reunidos.

Agradeço as palavras amigas, imbuídas do elevado espírito de conagração entre chilenos e brasileiros.

A iniciativa privada tem responsabilidades insubstituíveis no processo de desenvolvimento de países como o Chile e o Brasil. Do trabalho dos produtores, industriais, comerciantes, banqueiros e prestadores de serviços depende diretamente o nível de bem-estar social dos assalariados — que são a imensa maioria da população.

Com honrosas exceções, o Estado não prima por ser bom administrador de indústrias e negócios. Empresários como os Senhores demonstram todos os dias que podem obter melhores resultados. E que podem fazê-lo em menor tempo e a custos social e materiais bem mais reduzidos.

Por isso, no Brasil, optamos decididamente pela liberdade de iniciativa.

O Governo se reserva a administração de prioridades.

Com base nelas, dá assistência. Financia. Garante. Estimula.

Responde pela infra-estrutura: energia elétrica, transportes, comunicações. Ocupa-se da produção de aço e outros insumos básicos, para os quais não haja capitais privados suficientes. Mas, sempre que possível, procuramos atrair a participação de empresários nacionais. E, quando indispensável, também a de capitais estrangeiros.

Repito, porém: nós no Brasil acreditamos na criatividade da empresa privada e em sua capacidade de responder prontamente aos desafios.

Procuramos, por consequência, incentivar o entendimento, a colaboração e a boa convivência entre empresas estatais e privadas. Tanto no plano interno, como no da cooperação internacional. Para nós, o intercâmbio comercial é instrumento eficiente para a consolidação dos laços que a cultura e a vontade política solidária há muito vêm criando.

Desde a independência, o Chile e o Brasil estão ligados pela amizade e pela simpatia. A amizade supera o distanciamento geográfico. Faz-nos vizinhos no espírito e na capacidade empreendedora. Anima-nos permanentemente ao contacto estimulante e renovador com outras terras e outras gentes.

A exploração das fontes de riqueza encontradas nestas terras, e a grande aventura do intercâmbio de produtos contribuíram, em grande medida, para forjar as nações da América Latina.

Em determinado momento histórico, os fluxos de comércio chegaram a afastar-nos uns dos outros. Nossas relações com os países do Norte, centros dinâmicos da economia internacional, pareciam merecer privilégios e atenções especiais. Entretanto, logo pudemos ver que nossos interesses recíprocos reclamavam a procura de oportunidades propícias de desenvolvimento harmonioso e mutuamente vantajoso.

Apesar de todas as dificuldades conhecidas e reconhecidas, os vinte anos de ALALC comprovaram que podíamos superar divergências e rivalidades. Mostraram que uma firme vontade política, voltada para a solidariedade, pode muito mais do que conceitos equivocados. Provaram as possibilidades reais de complementaridade entre nossas economias, que tantos negavam. Ou, na melhor das hipóteses, nos consideravam incapazes de aproveitar.

Nós, latino-americanos, não nos conformamos com as teorias que condenariam nosso comércio a uma permanente estagnação. Ao contrário, fomos capazes de multiplicar o intercâmbio — e não apenas através do simples aumento do volume das matérias-primas tradicionais.

Meus Senhores,

Durante séculos, o homem latino-americano trabalhou e viveu nas condições mais adversas.

Enfrentou o solo árido, a insalubridade das minas e os azares da indústria extrativa.

Viveu da caça, da pesca e do pouco que podia plantar e colher.

Amargou a inclemência do tempo e a variedade do clima, em todas as latitudes.

Essa extraordinária experiência de adaptação a situações novas, inusitadas, haveria de servir-lhe mais tarde. O trabalhador latino-americano adaptou-se rapidamente aos novos desafios de atividades e técnicas inteiramente fora de sua vivência pessoal.

Por isso, a América Latina está em condições de concorrer — e concorre efetivamente — nos mercados mundiais, com produtos e serviços de qualidade igual ou superior à dos fornecedores tradicionais. Talvez porque, entre nós, o operário ainda se orgulhe do que faz.

Os empresários, homens de iniciativa e de ação, não podem, entretanto, contentar-se com as conquistas alcançadas em suas primeiras lutas. A confiança, os benefícios e as concessões mútuas dos últimos vinte anos desmentiram as predições e os maus augúrios daqueles a quem interessavam o distanciamento e a frieza em nossas relações.

O tempo presente é e tem de ser de novas iniciativas. A formação da ALADI nos propõe o desafio maior de consolidar o já conquistado e de aprofundar o potencial de cooperação aberto aos nossos países.

Vivemos hoje, é certo, momentos de apreensão na economia internacional. A tentação protecionista dos países mais ricos teima em vingar, à medida que suas indústrias enfrentam a concorrência das nossas.

Outro fator de apreensão, a crise de recursos energéticos, abala os alicerces do comércio internacional. Tradicionais centros financeiros internacionais mostraram-se até agora incapazes de definir políticas adequadas de utilização dos excedentes de divisas, de forma a beneficiar os países em desenvolvimento.

O bem-estar das nações mais poderosas resulta de posições a rever. A reforma, tão necessária, do sistema econômico-financeiro não é ato de benemerência. É chegada a hora de os países pobres terem acesso ao desenvolvimento e presença real nas decisões internacionais.

A paz e a prosperidade, em escala mundial, só serão alcançadas quando uma ordem econômica internacional mais justa possibilitar a todos os povos condições mínimas de segurança e progresso.

Na América Latina, temos procurado conviver na base do diálogo e do respeito às soberanias e identidades nacionais. O Chile e o Brasil, em particular, encontram inspiração numa longa história de relações fecundas e positivas.

Nesse clima, torna-se mais fácil encontrar e desenvolver pontos de complementaridade e coordenar atividades em áreas de ação comum.

Meus Senhores,

O Brasil e seus empresários sempre confiaram nas potencialidades da economia chilena e do intercâmbio bilateral.

Por essas razões, este encontro é uma oportunidade a mais para renovar nossa fé no promissor quadro de cooperação entre o Chile e o Brasil.

Nossos governos mantêm diálogo franco e aberto. Nossos povos se unem por um passado a um presente de sólida amizade. Nossas experiências bem sucedidas garantem enormes possibilidades de colaboração.

Mas os empresários são agentes indispensáveis à realização dessas perspectivas. Para transformá-las em realidades concretas, a bem do Brasil e do Chile e para o progresso de nossa região.

Muito obrigado.